5.º Anno — Lisboa, 1 de Abril de 1889 — Numero 28

variola, que ahi lavra, ou de passarem d'esta a melhor vida, fulminadas por algum typho.

Ha quem se arreceie dos primeiros calores, e esse receio infelizmente, é mais que justificado. Lisboa, a cidade de marmore, transformou-se n'uma cidade de guano e de podridões. A nova companhia do gaz, que tem mais pragas em cima de si do que candieiros conta nas ruas, revolveu-lhe as entranhas com uma furia de chacal, e poz a descoberto as immundices, trazendo á flôr do macadam os microbios alapardados lá por baixo.

Já por ahi se morre muito de typho, de variola e de febres de mau caracter. A's primeiras investidas do calor primaveral, morrer-se-ha ainda mais, porque a epidemia anda no ar, latente, e desenvolver-se-ha então, com desassombro e violencia.

E' até possivel que o cholera, esse monstro que desde ha muito anda a espreitar-nos, sem se atrever a dar o salto de tigre, aproveite o ensejo e venha cevar em nós as suas iras. Tudo pode succeder, porque as condições de salubridade em que se encontra Lisboa, são azadas para o desenvolvimento de todas as epidemias.

O ar que aqui se respira, está saturado d'uma coisa que não é positivamente o aroma das rosas e da madresilva. Depois, a miseria que agonisa ahi por todos os cantos da capital, é enorme; e a miseria, entre nós, com o seu cortejo de podridões asquerosas, é uma excellente conductora das enfermidades mais assassinas.

Contaram os jornaes ha poucos dias, que Sua Magestade a Rainha fôra desencantar, agonisando n'um pardieiro immundo d'Alfama, em camas feitas de trapos enegrecidos e fetidos, uma ninhada de creancitas typhosas. Alma propensa ao Bem, alma de mãe e de mulher, a gentil princeza levou esmolas e remedios áquelles desgraçadinhos ignorados de toda a gente. As pobres creanças ficaram tendo, desde esse momento, um leitosito confortavel onde dormir, e um refrigerio qualquer que lhes mitigasse as ardencias da febre. Mas a mansarda pestilenta, não se desinfectou, e lá está arvorada em patibulo de muitas vidas que se arrastam perto, n'aquelle meio de negra miseria.

Como esse foco d'infecção, ha por ahi muitos, onde não chegou a esmola da Rainha, onde não chega nunca a visita sanitario do municipio; e todos elles juntos, exhalando o bafo lethal de centenas de miseraveis gafos de variola ou minados pelo typho, constituem um perigo imminente e horrivel, perigo tanto mais grave, quanto mais se avisinham os calores do estio.

Eu comprehendo, não deixando de deploral-o, o egoismo humano que leva a não fazer caso da vida do proximo. Mas o que não comprehendo é este desleixo completo e renitente, quando se trata de defender a nossa propria vida, de salvaguardar a nossa propria pelle.

E' que, por mais que se diga em contrario, nós somos um povo decadente e enervado. São precisas grandes catastrophes para nos arrancar d'este estado d'abatimento e de indifferença. Só diante d'ellas nos vem uma pouca d'actividade e accorda em nós o espirito de conservação adormecido.

Conjurado o perigo, a inacção volta e a indifferença renasce mais profunda ainda: indifferença pela propria existencia, indifferança pela moralidade, indifferença por tudo quanto pede o latego da critica austera e reclama em vão o castigo severo da lei.

Não vamos mais longe: ha tempo, veio a provar-se que o thesoureiro da Sé, um reverendo anafado e roliço, desviára do templo de Deus as alfaias, para ir empenhal-as em proveito d'uma filha d'Israel, com quem entretinha relações defezas pelos canones. Contámos o caso. Pois a indifferença peculiar do nosso meio social, de mãos dadas com a legendaria brandura dos nossos costumes, deixaram em paz o reverendo.

Essa impunidade deu azas ao baixo clero, e agora vereis o que é pagodear á larga nos dominios da santa madre egreja! Salta de lá o roupeiro do cabido da Sé do Porto, e faz mão baixa nas melhores pratas da santissima casa. Vem o capellão do convento das Grillas, ao Beato, e depois de profanar o cadaver da pobre rainha Luiza de Gusmão, que se encontrou despojado de todas as joias com que o esposo amante a adornára, descaminha os objectos mais ricos e artisticos do convento. Accodem ao reclamo as abbadessas de varias frequentas [illegible] e fazem o [illegible]

[illegible] tica todas estas misarias; em seguida, o sr. ministro da justiça vem cobril-as com o seu paris protector [illegible] e a nossa indifferença e a tal brandura immorredoura dos nossos costumes encarregam-se do resto.

Em verdade, para que precisava a Sé d'alfaias ricas, e a rainha D. Luiza de Gusmão de joias caras, e o convento das Grillas de jarrões da India valiosos? A Sé, é velha; o cadaver da soberana, da gentil dama que «antes queria ser rainha uma hora, do que duqueza toda a vida», está corroido pelos vermes da terra e pela acção exterminadora do tempo. Quanto ao convento, já não tem moradoras, já não tem *Grillas*.

Enfeitem-se pois, com as joias da virtuosa rainha defuncta, os collos e as mãos das peccadoras vivas, e vendam-se os jarrões e as pratas do culto divino, para custear as despezas que os reverendos façam com o profano.

Quantos desejariam ter roubado essas joias, para adornar com ellas, as cabecitas gentis e provocantes das *chanteuses* francezas d'opera-comica, que acabam de deixar-nos. Quantos!

Porque, se lhes tivessem dado brilhantes reluzentes em vez de promessas frivolas e ceias baratas sem champagne, talvez ellas ficassem.

Assim, fôram-se. E não mais voltarão, talvez!

SANTILHANA.

O ultimo estudo ácerca da conjuração dos Tavoras

Em tres numeros da *Revista Azul*, saiu o magnifico estudo feito pelo notavel escriptor francez a que já nos referimos, ácerca da conjuração dos Tavoras. Não estavamos realmente costumados a ver assumptos portuguezes tratados por escriptores estrangeiros com tão perfeita e tão absoluta exactidão, e ao mesmo tempo com tanto criterio e tão benevola sympathia. Narrando aquelles horrorosos supplicios de Belem, que nos fazem soltar, quando os lemos, gritos de indignação, é elle o primeiro que se lembra de mostrar que esses supplicios não eram desconhecidos na Europa e que a execução de Damiens, que tentára matar Luiz XV com um canivete, e que mal lhe fizera uma arranhadura, rivalisa em horror com as execuções de Belem. Já tinhamos apontado na nossa *Historia de Portugal* esse exemplo frisante que, sem attenuar a atrocidade do marquez de Pombal, a faz comprehender melhor. E' bom não avaliarmos os homens do seculo XVIII pelas ideias do nosso tempo; e, antes de condemnarmos sem remissão os nossos compatriotas, precisamos de vêr qual era o nivel moral do mundo e especialmente o da Europa no seu tempo.

E' isso o que faz com rara imparcialidade o escriptor francez, e que o faz n'uma Revista franceza e para um publico francez. Não se encontra muitas vezes nos escriptores estrangeiros nem nos portuguezes essa alta comprehensão do dever de um historiador.

Devemos dizer tambem que o novo escriptor francez seguia já o exemplo de um seu compatriota, Miguel Chevalier, que, escrevendo na *Revista dos dois mundos* um artigo ácerca do livro que Francisco Luiz Gomes consagrou ao marquez de Pombal, foi quem primeiro poz em confronto com o supplicio dos Tavoras, do duque de Aveiro e dos seus cumplices verdadeiros ou suppostos, o terrivel supplicio de Damiens.

Acabando de descrever o supplicio, acompanhando a descripção com a traducção de varios trechos das obras de Camillo Castello Branco e do auctor d'este artigo, o collaborador da *Revista Azul* emitte a sua opinião ácerca do acto horrendo que nos enche ainda hoje de terror e de assombro. Mostra em primeiro logar que a leitura da sentença lhe incutiu no animo a convicção de que eram criminosos todos os que tinham sido punidos, mas apresenta depois, pondo-os na bocca de um seu phantasiado interlocutor portuguez, os argumentos com que se põe em duvida a culpabilidade dos Tavoras, e tambem os que [illegible]

[illegible] Hade pesar eternamente sobre esta lugubre historia um [illegible]

paes que melhor a podiam esclarecer, e, segundo o nosso costume, não houve no tempo de D. José quem escrevesse memorias que alguma coisa podessem dizer á posteridade ácerca dos segredos d'essa côrte. Alguma coisa se poderia encontrar talvez nos despachos dos ministros estrangeiros, mas ainda assim não bastava. Pelos despachos do ministro inglez se vê que era facto conhecido em Lisboa a ligação amorosa de D. José com a marquezinha de Tavora, e este facto mostra evidentemente que o rei devia logo attribuir aos Tavoras o crime de que estivera quasi a ser victima, e dirigir logo contra elles as perseguições dos juizes que estavam completamente á discripção da corôa.

Não podemos dizer comtudo se effectivamente os Tavoras foram ou não cumplices do duque de Aveiro, mas o que é indubitavel é que era a casa dos Tavoras o centro da opposição contra Sebastião de Carvalho, e por conseguinte contra o rei que o fizera seu omnipotente ministro. A marqueza de Tavora principalmente não podia deixar de ser alma de todas as conspirações que se dirigiam contra o rei e contra o ministro. D'ahi a consideral-a como cumplice de um assassinio, vai uma distancia enorme, mas o ministro, logo que teve os primeiros indicios de uma conspiração fidalga contra o rei, devia naturalmente procurar nos Tavoras os seus motores e d'elles havia de pensar principalmente em se desembaraçar. N'isso o auxiliaria efficazmente o odio d'El-Rei contra a familia da sua amante, e a convicção, que naturalmente penetrásse logo no animo regio, de que não podia ser senão o ciume do marido e a revolta do sogro contra a deshonra da sua casa que engatilhavam contra elle as espingardas dos assassinos.

A marqueza de Tavora era effectivamente uma mulher extremamente energica e orgulhosa. Não pertencia de modo algum á raça das fidalgas do seu tempo, que em Portugal como em França consideravam como a suprema gloria da sua vida o serem recebidas pela rainha e o merecerem a preferencia do rei. A marqueza abandonára com prazer a côrte para ir ser vice-rainha na India. Foram rarissimos em todos os tempos os vice-reis e governadores que levaram comsigo suas esposas, e o procedimento da marqueza de Tavora não tivera muitas predecessoras nem teve muitas imitadoras. No seu palacio de Gôa, n'essa cidade que, já n'esse tempo, comtudo, estava bem longe de ter os esplendores do seculo XVI, sentia-se a marqueza de Tavora á vontade, porque era verdadeiramente rainha, embora de um reino bem pequeno e bem pobre, e toda se orgulhava quando passava nas ruas, ao lado de seu marido, seguida pelos 72 officiaes e soldados da sua guarda a cavallo, acompanhada á estribeira pelo coronel ajudante, ou quando sulcava as aguas da bahia na sua vistosa manchúa guarnecida por 30 marinheiros, quando via apinharem-se nas suas ante-camaras 100 criados e reposteiros, quando podia emfim ter no seu palacio o luxo a que podia occorrer com o ordenado do vice-rei, que n'esse tempo vencia perto de 7:500$000 réis annuaes, o que hoje corresponderia, seguramente, a cerca de 20 contos.

Voltando a Portugal, achou-se n'uma posição inferior, e não a consolava, antes lhe irritava o orgulho, o saber que a mulher de seu filho era amante do monarcha. Muitas amargas palavras se haviam de proferir nas suas salas contra o rei e contra o ministro; alli devia arder constantemente o fogo da maledicencia e da opposição, e, logo que houvesse uma tentativa de regicidio, todos os olhos se haviam de voltar naturalmente para o palacio dos Tavoras.

E' o mais que póde dizer-se, porque em todos os pormenores d'esta tragedia paira tão absoluto mysterio que todas as conjecturas que se fizerem importam naturalmente uma accusação gratuita e talvez injusta á memoria das victimas, ou outra accusação talvez tambem não menos injusta á memoria do marquez de Pombal, que teve no fim da sua vida tres annos de bem cruel expiação.

O collaborador da *Revista Azul* refere-se ainda no seu artigo aos jesuitas, e procura explicar o motivo porque o marquez de Pombal não os envolveu completamente no processo. Attribue a causa d'isso ao receio que o marquez tivera de exacerbar o paiz, que estava ainda completamente dominado pelos jesuitas. Entende o escriptor francez que Pombal percebeu que tinha primeiro de desarraigar no espirito popular a influencia dos jesuitas antes de proceder abertamente contra elles.

Ha effectivamente n'estas observações um verdadeiro inte- [illegible]

Quando viu que a roupeta podia ser coberta com o sambenito e que um padre de S. Roque podia ser queimado em plena praça publica sem protestos populares, percebeu que podia affoitamente arrojar-se á companhia.

Não foi esse de certo o unico motivo que impedio Pombal de envolver os jesuitas no processo dos Tavoras, mas foi de certo um d'elles.

Congratulemo-nos emfim com o paiz pela apparição d'este escriptor francez, tão empenhado no estudo serio d'anossa historia.

PINHEIRO CHAGAS.

A PRINCEZA ESTEPHANIA

Entre todas as victimas da tragedia de Meyerling, aquella que se impõe com mais imperiosa eloquencia á nossa compaixão, é, sem duvida, a princeza Estephania.

O pai, o soberano, foi ferido em pleno coração, em plena esperança; a mãe, ouvindo vibrar de subito um tragico clamor de morte, similhante ao que brotou dos labios de Bossuet: «*O' nuit desastreuse, ô nuit effroyable, où retentit tout á coup comme un éclat de tonnerre cette étonnante nouvelle: «Madame se meurt, madame est morte»*; a *mater dolorosa* póde exclamar, como a rainha Maria Amelia: «O meu filho bem amado, aquelle cujo nascimento fizera a minha ventura, cuja infancia e adolescencia absorveram todos os meus cuidados, cuja mocidade era a minha gloria e consolação e que deveria ser o apoio dos meus velhos dias, meu filho já não existe. Foi-nos roubado no apogeu da felicidade, quando nos sorria um futuro deslumbrador e elle adquiria dia a dia maior somma de dotes e virtudes...»

Mas nenhuma sympathia se compára á que nos inspira a loira flor dos paços belgas.

Precisamos evocar a origem do seu casamento com o principe Rodolpho, para comprehendermos o abysmo de amargura sem conforto, de tristeza incuravel que se occulta n'esse coração de vinte e tres annos.

A princeza Estephania casou aos dezeseis annos com esse principe *charmant*, que lhe inspirou um amor ardentissimo.

O seu primeiro vestido de senhora foi estreiado no dia da assignatura do contracto matrimonial.

Um idyllio encantador, uma aurora gorgeada de canticos, o enlace d'essa infantil princeza de cabellos de oiro, de cutis branca, viçosa e pura como as petalas de um lyrio, de olhar radiante da felicidade dos escolhidos que entrevêem o paraizo, com esse bello e viril descendente da gloriosa raça dos Habsbourg com esse seductor archiduque, principe imperial da Austria, principe real da Hungria e da Bohemia, o paiz da poesia cavalheirosa.

Em torno d'elles, o povo exultava, seguia os com um olhar enternecido e exclamava, arrebatado pela adoração votada ao seu futuro imperador: «Não vêem o tapete de nuvens semeado de estrellas que o céo desdobron sob os seus passos?»

Um anno depois, nascia d'essa união uma menina linda como uma perola nacarada e virginalmente branca, arrancada ao torvelinho, cavado de sorvedouros, onde tumultuam as paixões.

Pela lei salica, em vigor na Austria, a creança não poderia nunca cingir na fronte a corôa dos Habsbourg.

Propalou-se então entre o povo um boato, por ventura ilogico: A princeza imperial não terá mais filhos.

E no céo azul do idyllio começaram a debuxar-se algumas nuvens, a principio diaphanas como as neblinas do estio, quando o sol ainda não perdeu a sua coloração de plethorico e as rosas guardam ainda nas suas urnas de porphiro o aroma que inebria.

O [illegible] amado pelos [illegible] que o [illegible] para [illegible] das almas.

E [illegible] nas suas esperanças, nos [illegible]

seus sonhos de maternidade, nas suas illusões de apaixonada, soffria sem soltar uma queixa, aspirando secretamente a volver ao patrio ninho d'onde a avesinha desferira um vôo, attraida, como as andorinhas, pela luz do sol.

Mas a severa etiqueta, estranha ás delicadezas de um coração atribulado, encadeou-a nas suas algemas de ferro, condemnou-a a viver da morte do seu ideal e a vel-o fugir-lhe sem remedio, como as visões ethereas que esvoaçam atravez dos sonhos...

Os dias, os mezes e os annos succederam-se, e cada um d'elles desfolhou sem piedade uma das perfumadas rosas que a noiva trouxera na sua fronte virginal.

E d'esse idyllio, entretecido á face do altar, restava apenas um drama, gotejante de lagrimas, pungido por todos os dilaceramentos do ciume!...

*

De subito, a bala de um rewolver encarregou-se de epilogar funebremente uma situação, cada vez mais falsa e insustentavel. Por uma d'estas estranhas fatalidades, que não se explicam, a piedade dos corações sensiveis, que deveria envolver nas suas effusões misericordiosas a unica verdadeira victima da tragedia de Meyerling, aquella que sobreviveu ao anniquilamento de si propria, do seu orgulho de princeza, dos seus direitos de esposa e do seu amor de mulher, voôu, por unanime impulso, para a triste cumplice de um adulterio banal.

Todos lamentaram e ninguem accusou a desvairada. Eva tentadora, a desregrada ambiciosa, que collocou nas mãos do principe a arma sanguinolenta, cortando inexoravel o futuro de um imperio e os jubilos de uma familia.

Alguem denominou a baroneza de Verscera, *baroneza Cardeal*.

Essa alcunha, eloquente na sua brutal ironia, flagelará, como um estigma indelevel, a mãe que favoreceu o romance do adulterio, não hesitando em atirar aos braços do principe uma creança de dezesete annos, instigando-o ao divorcio, isto é ao irrealisavel, e despenhando-o na loucura do suicidio.

A morte, embora seja a absolvição posthuma, tacitamente imposta pelo silencio tumular, não redimiu a formosa peccadora, que sacrificou ao desvario da sua paixão uma mulher honesta e uma creança innocente, que pisou com os seus pequeninos pés tantos corações, mortalmente feridos, tantas esperanças, irremediavelmente extinctas.

A sua deslumbradora belleza, que perdeu o allucinado Rodolpho e que fascina quantos lhe contemplam o retrato; essa estranha belleza enigmatica, que poderia ter sido na terra um reflexo do céo, foi apenas o instrumento infernal que aluiu pela base o futuro de uma dynastia, os jubilos de um povo.

No alto d'esse calvario luctuoso, ergue-se hoje o vulto melancolico da martyr, que em face da tragedia que lhe deixou nos braços uma orphã não póde rir, mas que perante a sua consciencia immaculada, quasi não deve chorar.

Singular destino!...

Seja qual fôr a compensação que a Providencia reserve á viuva de vinte e tres annos, simultaneamente expulsa do throno e do thalamo, possa ella encontrar na terra um d'esses amores profundos e infinitos, capazes de cicatrisarem todas as feridas e de rejuvenescerem todos os corações.

GUIOMAR TORREZÃO.

RECONCILIAÇÃO

Finalmente ali estavam sós. E sós, completamente sós, como era o mais ardente desejo de ambos desde a primeira vez que se fallaram, furtivamente, á saida da egreja, n'um sabbado de Alleluia. Depois d'esse dia, ha tres annos já, tinham-se fallado sempre, tinham-se visto todos os dias, a horas determinadas, ella debruçada no parapeito da sua varanda, amorosa como Julieta, elle, em baixo, na rua, apaixonado como Romeu. Um amor de romance, inteiramente, com todos os seus pra[illegible]

[illegible]

ta e amiudadas bategas d'agua. Persistentes, porém, n'esse amor que os impellia irresistivelmente um para o outro, conseguiram chegar ao epilogo do seu prolongado namoro, casando-se, unindo-se por esse laço que a egreja torna indissoluvel sob uma estola e pela bocca d'um padre, com umas palavras em latim.

Foi um dia de festa, esse, em que a ceremonia se realisou. Os paes da noiva, que ao começo se oppunham a uma tal união receiando entregar assim da filha ao primeiro pretendente que apparecia, tinham agora a transparecer-lhe no rosto, na menor contracção de feições, um jubilo intenso. A familia e os amigos acompanhavam-os na manifestação d'esses sentimentos e todos diziam que o casamento, um verdadeiro casamento de inclinação, se apresentava sob todos os pontos de vista, verdadeiramente auspicioso.

Houve um grande jantar, com abundante numero de talheres, a que concorreram numerosos convidados. Burguezes de raça, pondo de parte, na sua vida de todos os dias, as exhuberancias do luxo, as praxes da etiqueta e todas essas mil coisas impostas pelo codigo da alta sociedade, deram-se no entanto, n'aquelle dia, a uns extraordinarios que faziam aproximar a sua festa das festas ruidosas e falladas do bom tom. A' meza serviam creados enfiados em casacas aprumadas, offerecendo em francez iguarias caras, pela ordem do *menu*; e por entre abundantes e preciosos vinhos de velha data, estoirava Champagne e faziam-se brindes.

A' noite, nas pequenas salas, adornadas elegantemente, com bom gosto, e illuminadas por muitas luzes, uma orchestra espalhava walsas escolhidas, que eram dançadas animadamente.

Os noivos, porém, que punham em tudo aquillo uma nota sympathica, secebendo com agradaveis sorrisos as amabilidades dos convivas, tinham lá dentro a moêl-os uma coisa que os tornava inquietos: viam que a animação se prolongava sempre, que o final ainda vinha longe.

Por isso, quando ás quatro da madrugada, tendo sahido todos os convidados, se recolheram á alcôva nupcial e elle correu o reposteiro sobre a porta fechada, que agora os separava discretamente dos outros, pondo-os como que afastados de todo o mundo, sentiram-se mais satisfeitos do que nunca, ao encontrarem-se ali, juntos, n'aquelle doce conchego do seu quarto elegantemente mobilado, occultos, sob o cortinado do eito, da curiosidade indiscreta d'alguma mosca que andasse fóra,—ao verem-se assim, finalmente, completamente sós...

*

N'aquella noite, no club, alguns dos seus amigos mais intimos combinavam uma ceia. Eram antigos companheiros das suas rapaziadas de celibatario bohemio, todos solteirões alegres, tendo a respeito do casamento a mesma opinião de Balzac, achando a maior das semsaborias o dever de entrar em casa a hora certa da noite, para as caricias da mulher não serem substituidas pela indifferença caprichosa da esposa amuada, o que acontece sempre que mais um minuto passa, rendendo culto ás amantes, bellas sereias de sangue quente, mestras na arte de beijar, um nadinha exigentes, talvez, mas que, em compensação, lhes não davam no fim de cada nove mezes um *baby*, que em pouco tempo lhes chamava «papá».

Elle, ouvindo-lhes todos os ditos alegres, que esfuziavam nos seus ouvidos de homem casado com o estampido mordaz de satyras, mais d'uma vez tentou levantar-se e sahir sem lhes dizer adeus, sem lhes apertar a mão. Mas uma gargalhada silvava e o riso dos outros irrompia sonoro; era um que acabava uma anedocta galante, e logo a proposito um outro começava outra. Sentia-se então amarrado e continuava a ficar: de resto tudo aquillo era boa rapaziada.

Quando terminada a partida todos se ergueram para ir á ceia, elle deixara-se ficar, como que amarrado á cadeira, com os braços apoiados sobre o pano verde da mesa.

—Que era aquillo, perguntavam os outros; porque não os acompanhava tambem? interrogavam admirados.

Elle apparentara um ar serio e dissera simplesmente: «Não vou. A estas horas, em casa, minha mulher espera-me».

As ironias fustigaram-o então. Uma ideia má passou-lhe rapida pelo cerebro; levantou-se e immediatamente foi arrebatado por quatro braços vigorosos, que o fizeram atravessar no ar as salas do club...

[illegible]

certo dormia, o relogio surprehendeu-o, batendo compassada-

ROBERTO DUARTE DA SILVA

mente seis horas. Afinal enganára-se. Ella, soluçante, com os olhos rasos d'agua, não dormia... Esperava-o.

*

Ha mezes, por uma tarde de verão, caminhava elle pela Avenida, tristonho e só. Quando sahira de Lisboa, ainda havia para ali poucas casas demolidas; agora, como o trabalho adiantara tanto!

E pensando n'isto, caminhava sempre. Lá muito em cima, sentou-se, quasi cançado, com algum calor. Umas creanças em rancho, passavam-lhe na frente, pulando e rindo, descuidosas e alegres. Elle olhava-as attentamente, com prazer, mas um prazer que, lá no intimo, sentia confundir-se com uma dôr intensa. Devia ser assim, alegre e descuidado, o filho que nunca vira, essa creança que nunca beijára. Depois, com o lenço, enxugou dissimuladamente uma lagrima.

Pela Avenida abaixo, muita gente passava, áquella hora fresca da tarde. A noite fazia-se annunciar pela lua esbranquiçada, que já brilhava foscamente no alto. De repente, olhando para o lado da Baixa, teve um estremecimento subito; uma ponta intensa de frio arripiou-o ao de leve. Experimentou a sensação que nos dá uma coisa inesperada.

Parecia-lhe impossivel, julgou até sonhar, que um acaso tão feliz os aproximasse assim, tirando-o do embaraço em que se achava para, de caso pensado, encontrar um meio de se confrontar com ella. Queria pedir-lhe perdão; queria prometter-lhe uma regeneração completa. Mas não se atrevia a aproximar-se-lhe, acanhado como uma creança que se torna vermelha, receiando uma recusa. Ali, porém, quasi á noitinha, ao ar livre, sob o ceu tão azul, percebeu que se animava.

Ella, no entanto, caminhava sempre. Trazia pela mão um pequenito gordo, todo vestido de branco, andando ainda a custo, tropego das rochunchudas pernas.

Sem saber como, encontrou os seus braços enlaçados nos d'ella, e os seus labios pousados sobre a sua bocca. E demorou-se assim, por algum tempo ainda, como afundado na illusão d'um sonho... De subito ella repellira-o, tornada côr de sangue: alguem, que presenciára a scena, com intenção maldosa dirigira-lhes uma chufa de mau gosto...

ALFREDO MESQUITA.

UM MARINHEIRO

Pouco a pouco, n'um esforço de gigantes, a agua do mar a escorrer-lhes dos braços fortes de homens sãos, iam puxando duramente as redes.

—Eh! Ala!...

A sardinha grande da costa saltava prateada entre a malha negra e fina, e a rede, que elles tiravam do mar, molhava tudo, encharcada em agua, coberta de algas verdes a pingar. Tres gorazes crescidos debatiam-se aos pulos, e duas pescadas de listras pretas no dorso morriam na caverna esguia do barco, n'uma afflicção. Por fim a ultima rede sahiu da agua com menos peixe ainda.

—Quasi nada,—disse o arraes.

E um dos rapazes murmurou indifferente quasi:

—Fugiu p'ra o sul, o peixe...

Longe, a bastantes braças, mais bateis, de vela arreada, balouçavam no mar banzeiro, côr do ceu, e para lá ainda mais e mais, os que vinham de Espinho, aquelles que corriam, com a véla cheia e larga, a pescaria feita, a entrar a barra na enchente. A costa apparecia rasa e arida, e havia apenas uma brancura batida do sol para a Povoa, e erguido no ar, muito esbatido, muito alto, o pharolim da Luz...

—Iça!...

Tinham içado a véla, e o batel corria, levantando espuma na prôa, em saltos bruscos ás vezes. Os dois rapazes, de vinte annos talvez, esculpturaes, de cabello aspero, crestados do sol, respirando honestidade e saude, tinham ido deitar-se de barriga para cima, no pedaço de tombadilho da prôa, e o arraes ao leme fumava devagar o seu cachimbo de barro ennegrecido.

No entanto a costa approximava-se. Agora via-se o mar que [illegible] tas fazem ninho... Muito alto, muito pallido, irradiava já o pharolim da Luz. Iam entrando a barra; dobravam mesmo o caes de Felgueiras, saccudidos pelo mar que quebra alli...

O velho encostára-se a um varal, olhando o mar banzeiro e azul, sentindo o bom cheiro picante das algas, e quando o batel dobrou o caes, a vella panda a destacar-se no poente vermelho, resmungou sem se mecher!

—O' Maria, lá vem o batel!...

A essa hora já as raparigas corriam pelo caes, arregaçadas as sais, de perna núa, a canastra de verga á cabeça. A tarde morria: uma gaivota branca pairava muito alto na serenidade do céu, e os longes da outra banda destacavam-se cheios de nitidez, com grandes sombras negras anireadas na verdura. O cabedelo cortava a mansidão da agua quieta com um traço amarello tostado, e um paquete, as lanternas a vermelhejar, descia vagarosamente o rio, cheio de preguiça, por aquelle fim de tarde tão mansa. A agua lisa, côr d'aço queimado, sem uma ruga...

O velho a espreguiçando-se, olhando o sol, desapparecer, a mergulhar no occidente côr d'oiro, resmungou ainda:

—Cá está o batel... Ora Nosso Senhor permitta que traga muita sardinha!...

E chegando-se ao caes, berrou:

—Então?...

E o filho de lá, as mãos em buzina, a destacar-no céu, respondeu resignado:

—Quasi nada... Uns tres centos...

—Má raios partam o mar!...

E ninguem como elle o amava afinal!... A's vezes, em tardes azues, elle ia ainda, a mão no léme, sentindo-se bom, sentindo-se forte, pescar tambem. E na volta, a véla retezada pelo sol, parecia reviver; acudia-lhe inteira a sua rude vida de marinheiro, batida de trabalho, soffredora...

«E quando elle era novo! quando elle era forte! O dia em que embarcára como grumete no brigue; o dia alegre em que casára com a sua honesta companheira!... Via-se marinheiro valente, contramestre em seguida, crestado do sol, e resistente como a madeira alcatroada do seu brigue.. De relance entrevia, aos retalhos, farrapos da sua mocidade; portos distantes n'uma tarde quente, as embarcações adormecidas na agua lisa, de costados pretos ou vermelho escuro, as mastreações erguidas no ar... E o olhar brilhava-lhe então, enchia os pulmões do bom ar salgado do mar.

E quando chegava, cheio de alegria, de calça larga de brim e camisola de flanella, e encontrava a mulher e os filhos que o esperavam no caes... Ah! esses dias, esses dias!... Os abraços alegres, as lagrimas da sua mulher, os rapazes que encontrava mais crescidos, mais fortes já—os seus filhos... E vinham pelo caes, a pé, contentes, elle contando a viagem, as afflicções que tivera. E a sua mulher, tão séria, tão boa, com o olhar cheio de felicidade e de ternura, dizia:

—Como tu vens trigueiro, Joaquim!...

Vinha queimado, vinha!... A viagem fôra má, a tempestade no mar, longe, fustigára-os—mas o seu brigue aguentára, resistira. Como elle lhe queria, tambem, ao seu brigue!...

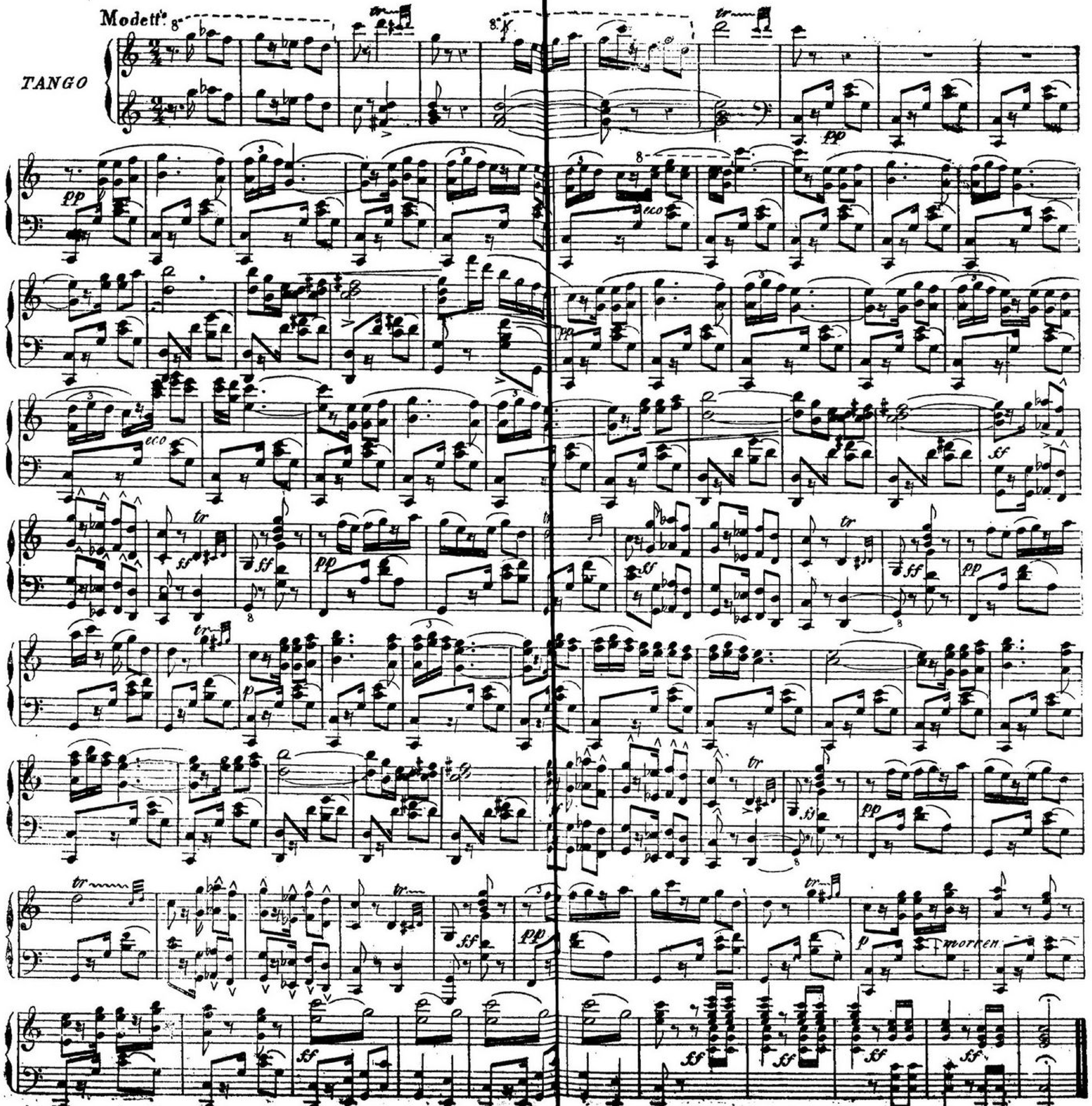
E agora, que o peixe escasseava na costa, que elle se sentia pezado em casa, tinha revoltas surdas, desejos violentos de partir ainda. Mas estava velho, não podia, voltavam-lhe os desesperos enormes, raivas contra o mar, que se cansára afinal como elle: tornava-se resmungão, intratavel; ficava dias e dias sem fallar, muito aspero.

«Elle, um marinheiro, precisar que o sustentassem! Servir apenas para concertar as redes velhas!...»

Honesto e leal. Rude, cheio de rugas, bem velho já. Com saude ainda, os dentes brancos todos, a barba grisalha, o olhar vivo e moço. Cheia de dedicações a sua vida. Creança ainda embarcára, crestára-se-lhe a pelle, fizera-se valente no mar. Sustentava a mãe. Tinha asperezas na voz; ancoras e datas a tinta azul nos braços possantes...

Envelhecera, morrera-lhe a mulher, e elle ficára em terra por fim, com o filho e os netos. A neta casára um dia com o Néi, um rapagão que, como elle, partira em seguida, na sua primeira viagem de marinheiro, para o Brazil. Mas quando a barca voltou, elle não vinha. Lá tinha ficado, uma noite de tempestade, no mar...

Envelhecera, não podia trabalhar. O filho, os netos [illegible] que elle soffria, bom Deus!...



Secção Photographica

Mais um batel tinha chegado tambem, e depois ainda um outro viera mansamente encostar-se á lingueta, enchendo o caes de alegria, de montões prateados de sardinha. As mulheres berravam; pescadores lavavam as redes—e o cheiro picante do mar espalhava-se mais vivo n'aquelle bocado de caes tão cheio de côr, d'uma intensidade rara...

O velho tinha vindo devagar, tristemente, a vêr a pesca. O filho, com um sorriso resignado, atirando o peixe para o caes, murmurou ainda:

—Esta fartura!...

—Má raios!...

Esfriava. As sombras dos barcos alongavam-se negras na agua que tremia... Homens corriam no caes. Uma catraia preparava-se para pilotar um navio. O piloto, a quem o pilito mór dava ordens, zangado, corria já para o barco

O velho olhou. A neta, tão morena, tão linda, acamava a sardinha na canastra. N'um instante pensou em ir remar na catraia, em ajudar os seus...

«Que diabo! Eram seis vintens a ganhar... Talvez a ceia. E que estava elle ali a fazer de braços cruzados emquanto os outros trabalhavam?... Não podia! não podia!... Ia vêr-se isso!... Ainda tinha força nos braços! O mar não dava peixe. remava-se nas catraias. Era trabalhar, trabalhar até cahir!...»

Resolveu-se de repente. Partiu a correr, tropego já, com tanta pressa, que bateu de encontro ao piloto. Luziu o olhar vesgo do homem. Tinha sido insultado: precisava de descarregar em alguem a sua raiva. Agarrou o marinheiro pelos hombros.

Você não vê, sua besta? Que o rebento!...

E a tremer de colera, quando o velho fugia com medo de perder a catraia, deu-lhe uma bofetada nas barbas grisalhas.

Um grito. Veiu vermelho o marinheiro. Crisparam-se-lhe as mãos n'uma colera sem fim, e ergueu bem alto, bem alto, a sua cabeça rude de luctador... Elle, em quem nunca ninguem batera, nem o seu capitão, quando elle era grumete!... Ia esganar o outro, cheio de força, cheio de vida, de raiva... Mas a catraia largava...

—Larga! larga!--ouvia-se.

Agarrou de repente no homem e estatelou-o no chão, a rugir de encontro o um varal, e correndo, os punhos erguidos no ar, foi cahir dentro do barco, murmurando inconsciente:

—Que diabo!... Eram seis vintens a ganhar!...

Remou enfurecido, com força de gigante, quasi sem se aperceber do esforço enorme que fazia, quasi sem vêr onde estava, ennevoado o olhar—mas lentamente as lagrimas cahiram-lhe sobre as barbas grisalhas, sobre as faces bronzeadas e sympathicas.

—A elle, a um marinheiro! a quem nunca ninguem se atrevera!...

Anoitecia.

RAUL BRANDÃO.

Pagina sôlta de um livro inedito

. . . . . .

. . . . . .

A minha entrada em Sevilha foi um horror. Cambaleando, com os olhos semi-cerrados, que me saltavam das orbitas, arrojados pelo cerebro em fogo, entrei automaticamente na *gare*, esperei a *equipage*, abri-a á visita e entreguei-a a um gallego, dizendo-lhe:

—*Llevame a una fonda buena.*

E fui seguindo atrás do moço por varias *calles* animadas, até á *Plaza de S. Fernando*. Vagamente percebia que um mundo novo, bello e grande se agitava no meu caminho; mas eu nada podia ver.

—*Aprisa, aprisa; quiero acostarme, que voy enfermo.*

O gallego entrou n'uma rua curta que abre na *Plaza*, e chegou á fonda de S. Fernando.

Vergaram-me as pernas; virei-lhe as costas e disse ao gallego:

—¡ *Otra, otra !*

Entrámos de novo na *Plaza*, onde a poderosa illuminação, que depois admirei, me pareceu multidão de pontinhos luminosos que morrem e renascem, em turbilhão, n'um papel que acaba de ser pasto da chamma. A harmonia animada do enorme concurso de gente que passeiava, fallando toda ao mesmo tempo, produzia nos meus ouvidos o doloroso e obscuro zumbido da febre ardente.

Entrámos o alegre pateo da *casa de huespedes, La Catalana*, no qual se estendia, já illuminada, a mesa redonda.

—*Una habitacion*, disse eu ao creado, talvez com modo supplicante, segurando-me á grade monumental e doirada do portão.

—*Pase usted*, disse o creado, conduzindo-me a um quarto contiguo ao pateo, no rez-do-chão.

Ainda tive a coragem de reparar que o quarto não tinha janella; requeri outro no primeiro andar, só para mim, com *ventana* de sacada sobre a *Plaza*.

Subi a escada de marmore, segurando-me ao corrimão de metal luzente, dei uma *peseta* ao gallego, despi-me soffregamente; e, assustado, aterrado, julgando-me nas garras do Typho, completamente só, na escuridão, sentindo a alma exhalar-se-me do peito n'uma angustiosa saudade pela minha terra, dei á cama o corpo inanimado, e deixei-me morrer!.....

. . . . . .

Quem morre assim no paiz onde nasceu Calderon de la Barca, por força ha de voltar á vida... sonhando!.....

. . . . . .

ANNES BAGANHA.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO MARIA CARDOSO

Damos hoje á estampa o retrato do benemerito e arrojado capitão-tenente da nossa armada, Antonio Maria Cardoso, de quem tanto se tem ultimamente occupado a imprensa periodica.

Se os jornaes lisbonenses dos altimos dias teem penetrado até ao Nyassa, onde Antonio Cardoso desempenha uma das mais espinhosas e arriscadas commissões que a officiaes portuguezes teem sido confiadas, como elle se admirará, do fundo da sua incontestavel modestia, tão identificada com o seu formoso caracter, de que haja quem pense n'elle e de que a sympathia geral dos seus concidadãos o acompanhe, fazendo todos elles votos por que sejam coroados do melhor exito os esforços empregados pelo brioso official em proveito e bom nome dos interesses patrios!

Como official de marinha, é Antonio Cardoso um destemido, a quem nunca abandona o sangue frio, que é tambem um dos seus caracteristicos. Ainda deu d'isso provas incontroversas, pouco antes da sua ultima partida para Africa, commandando uma das canhoneiras de fiscalisação do Algarve, sob um temporal desfeito, vindo da Madeira para Lisboa,—segundo o testemunho insuspeito de um dos seus marinheiros, a quem ouvimos a narração da refrega, em que estiveram prestes a sossobrar navio e tripulação. «Ao valente commandante, e só a elle, contava-nos o obscuro maritimo, se deve o termos escapado a tão grossa tempestade, como a nenhuma outra tão violenta assisti na minha longa vida de mar.»

Este e outros factos, que o tornam distincto entre os mais distinctos officiaes de armada, foram systemathicamente calados por Antonio Cardoso, que tambem nunca fez alarde do bom resultado da sua missão, em 1876, junto de Muzilla, pae do agora tão fallado Gongunhama, e de quem soube vencer a reluctancia que oppunha a estabelecer boas relações com o governo portuguez.

Antes de partir para o Nyassa, onde o atacherbam agora

[illegible] de todos os riscos, por maiores que elles sejam.

Oxalá a coragem não lhe falta nos momentos de mais dura provação, e o illustre marinheiro e explorador possa ver coroados de bom exito os emprehendimentos em que anda empenhado.

——

ROBERTO DUARTE DA SILVA

Damos hoje o retrato do eminente professor portuguez, Roberto Duarte da Silva, fallecido em Paris no dia 9 de fevereiro ultimo.

Duarte da Silva nasceu na ilha de Santo Antão, archipelago de Cabo Verde em 1838.

Estudou para pharmaceutico em Lisboa, e estabeleceu-se em Macau, em 1859, subsidiado pelo governo portuguez.

Passou a Hong-Kong, travando conhecimento n'essa cidade com differentes officiaes do exercito francez, os quaes alli se achavam por causa da guerra franco-chineza.

D'essas relações resultou a idéa de partir para França, porque Duarte da Silva tinha o maior desejo de desenvolver os seus estudos de chimica.

Partiu, pois, para alli em 1863 e instalou-se em Paris, onde se habilitou a fazer exame de sciencias chimicas.

Não tardou em começar a publicação dos seus livros, trabalho que lhe valeu ser premiado pela Academia de Sciencias de França e a nomeação de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Em 1867 era eleito presidente da Sociedade Chimica de Paris, distincção que revela o apreço que lhe davam.

Veiu, porém, um momento de infelicidade cortar a serie de triumphos obtidos pelo sabio portuguez.

Os seus modestos haveres eram esbanjados por quem lh'os administrava, coincidindo essa desgraça com outra ainda maior. Dando-se a explosão d'um apparelho no laboratorio, Duarte da Silva ficou gravemente ferido no rosto e perdeu um olho.

Procurando emfim uma collocação, obteve o cargo de chefe dos trabalhos de chimica analytica na Escola Central de Paris, logar que lhe proporcionou nova serie de triumphos, sendo pouco tempo depois nomeado professor da Escola Municipal de Chimica e Physica.

A sua grande competencia e extraordinaria actividade proporcionaram-lhe ainda outro cargo importantissimo. Vagando a cadeira de chimica analytica na Escola Central, foi a regencia d'ella dada ao illustrado professor portuguez.

A sua saude resentiu-se de tanto trabalho; Duarte da Silva definhava lentamente, o que não obstou a que trabalhasse até ao final da vida, visto que ainda, poucos dias antes de morrer, leccionava os seus discipulos.

No funeral de Duarte da Silva foi visto o alto professorado parisiense. A escola polytechnica de Lisboa fez-se representar.

O nosso sabio compatriota era cavalleiro da Legião de Honra e commendador de S. Thiago.

——

TANGO DA «MARINA»

A musica que damos hoje é um dos mais lindos trechos da zarzuela *Marina*, que o nosso publico tantas vezes tem apreciado e que é ouvida com prazer sempre que vem a Lisboa qualquer companhia hespanhola.

——

MODAS

Eis a descripção das duas elegantissimas *toilettes* cujos figurinos hoje damos:

1.ª—*Costume de passeio.*—Vestido redingote de panno alvadio, raiado de côr de castanha, abrindo sobre uma camisinha de renda applicada em cima de seda alvadia. Saia lisa, de seda, sobre a qual cae uma *draperie* de renda. Esta mesma renda volta em apanhado, e formando *cascade*, vae prender-se ao *puf* do redingote. Pequena capota de renda, adornada com uma enorme ave de phantasia.

Faz-se esta *toilette* com cinco metros de panno, 7 de seda e 3 de renda muito larga.

2.ª—Costume redingote de panno côr de ameixa, formando aba de um lado e caindo direito do outro lado. Guarnece a extremidade da saia uma tira bordada, que fórma no corpo o feitio de [illegible] guarnecida de plumas, atando por baixo da barba.

3.ª—*toilette* de meia estação em panno; *polonaise* formando avental e *puf* direito sobre uma saia lisa; mantilete da mesma fazenda. O corpete-mantilete, muito curto na frente, fecha no peito e é acompanhado de mangas com duplas hombreiras, infeitadas na frente com um bordado. Completa este *costume*, uma pequena capota de panno, guarnecida com um viez de velludo plissado, e ornada com um molho de plumas.

Faz-se o vestido com 10 metros de panno muito largo.

——

OLIVEIRA MARRECA

Oliveira Marreca, que ha poucos dias foi sepultado no cemiterio occidental, nasceu a 26 de março de 1805, em Santarem. Foi administrador da Imprensa Nacional em 1836, professor de Economia Politica, lente do Instituto Industrial de Lisboa, director da Bibliotheca Nacional, e era ultimamente, desde 1862, guarda-mór da Torre do Tombo, ficando, pela reforma de 29 de dezembro de 1889, addido á inspecção geral das bibliothecas e archivos publicos.

Além do romance incompleto, *O Conde Soberano de Castella*, firmou grande numero de trabalhos litterarios e scientificos muito notaveis, e foi um dos mais assiduos collaboradores do Codigo Civil.

Oliveira Marreca pertenceu, com Sousa Brandão, Elias Garcia, Sabino de Sousa, Latino Coelho, Bernardino Pinheiro, dr. Lisboa, e outros, ao grupo dos chamados *Lunaticos* do pateo do Salema.

Era um velho sympathico e bondosissimo.

——

O CONEGO SERRÃO

Damos hoje o retrato de um homem que foi muito conhecido em Lisboa: o conego Serrão.

Alto, esgrouviado, sempre de *cache-nez* enrolado á volta do pescoço, e de capa á hespanhola, bastante curta, trazendo inalteravelmente *botas d'agua*, tanto de inverno como de verão, a sua figura dava nas vistas, e era ás vezes alvo de grotescas observações por parte dos garotos e dos vendilhões.

O conego Serrão não se calava a qualquer dichote popular que lhe dirigissem. Respondia sempre com bom humor, e ia andando seu caminho, sem desconcertar, em furias de colera, a sua excentricidade philosophica.

Duas palavras de biographia:

Manuel da Rocha Serrão, filho de Antonio Bento da Rocha Serrão e de D. Maria Barbara Serrão, nascere em 1791, na villa de Arrayolos, freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, districto e arcebispado de Evora.

Era moço fidalgo da Casa Real e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição.

Foi advogado, sendo a ultima causa que defendeu a do celebre *casamento simulado*.

Era egresso do extincto convento de Nossa Senhora da Graça.

Foi prior na freguezia d'Arentella.

Era conego honorario das Sés da Guarda e Evora.

Foi governador de bispado na Guarda.

Morreu pobre e não deixou parente algum.

Falleceu no dia 20 do corrente n'um quarto particular do hospital de S. José, para onde entrou a 10 de janeiro, estando doente desde outubro ultimo. A sua doença era a velhice, mas conservou toda a lucidez da rasão até aos ultimos momentos.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

—

CHARADAS

(Retribuição ao inimitavel charadista Matheus Junior)

Li ha mezes no *Noticias*,
[illegible]

[illegible]
Comprou, por uma *loirinha*,
Um bom canal de porta.—1

MODAS

«Que no dia em que fez annos,
Foi á travessa dos Canos
Comprar seis litros de vinho,
Para fazer uma pandega
Com certo guarda d'alfandega,
Parente do seu visinho. — 1

«Que depois da patuscada,
Matheus Junior, d'emboscada,
Foi n'um bote p'ra Cacilhas,
E lá, por extravagancia,
Ou para mostrar jactancia,
Comprou tres kilos d'ervilhas!

Depois p'ra Lisboa segue,
Sem descobrir que o persegue
O 23 da 3.ª,
O qual mais tarde o alcança,
Com tres palmadas na pança,
Sustendo-o n'essa carreira. 1

Ao sentir-se já bem preso,
Pelo braço rijo e tezo
Do façanhudo policia,
O meu heroe, das charadas,
Deu ás gambias torneadas,
Mostrando ter gran pericia...

Mais tarde foi-lhe cercada
A sua rica morada
Por uma tropa d'alfandega,
Commandada pelo guarda,
Que lhe assistiu na mansarda,
Dos perús á bella pandega!..

Segue o processo mui presto,
Atraz d'ell' vem um arresto
Para pagar as despezas;
Encontrou-se-lhe .. em resumo,
Um oleo feito de sumo
De tres maçãs camoezas!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

Hoje mesmo vim d'Aveiro,
Onde fui ver um amigo. — 1
Que ha já tempos me pedira
Para ir jantar comsigo.

Mas não estivemos sós:
Acompanhou-nos a esposa, 2
Que é senhora delicada
E muito espirituosa.

Depois de termos jantado,
Fomos todos passeiar,
Visitando a propriedade
Que elle tem á beira-mar.

Conceição d'Ourique. M. DIAS GRILLO.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Imagem — Parabens.

A RIR

O filho do Calino manda parar um americano do Intendente.

—Não ha logar assentado, diz-lhe o conductor; só se quer ir na plataforma.

—Quero, sim... Mas na plataforma vae se para o mesmo sitio?

O commendador Serapião ouviu dizer que o melhor remédio para fazer passar os soluços, era apanhar um susto forte.

Um bello dia, que os soluços o estavam apoquentando devéras, Serapião baixa a cabeça e dá um grande grito.

—Que desgraça! diz elle á esposa, roubaram-me o relogio!

A esposa approxima-se, examina, e redargue:

—Tu endoideceste! Não vês que tens o relogio no bolso?

—Isso sabia eu, mas quiz causar a mim mesmo um grande susto, para me passarem os malditos soluços!

UM CONSELHO POR SEMANA

LAVAGEM DAS LUVAS

Recommendamos o seguinte processo, o mais simples de todos quantos conhecemos:

Leite.....	500 grammas
Carbonato de soda.....	2 1/2 »

Na mistura d'estas duas substancias imbebe-se um bocado de flanella, e esfregam-se as luvas até que todas as nodoas tenham desapparecido.

QUADROS INTIMOS

No quarto silencioso onde ella trabalhava, espalhava-se essa quietude das habitações pobres, onde a vida depende do trabalho diario e ininterrupto. Ouvia-se sómente o tic-tic da machina de costura, pespontando sofregamente, como se aquelle pequenino corpo de ferro, airoso e dourado, sentisse, sob os dedos frementes da gentil costureira, communicar-se-lhe toda a sua ancia.

A um canto, a pequenina cama do filho querido, sobre a qual dormia, resolutamente, um cherubim de farta grenha revolta e ondulante.

De vez em quando, a mãe parava, para dar um nó, ou mudar uma peça de roupa, e os seus olhos em oval, azues celestes, cravavam-se nas feições frescas e juvenis do Arthur, que dormia de costas, o peito descoberto, respirando com força o ar embalsamado que vinha pela janella aberta sobre o jardim da patriarchal, alturas de um quinto andar.

Pombas dos telhados visinhos, vinham arrulhar atrevidamente no beiral do telhado, junto á janella da costureira, que sorria atirando-lhes miolos de pão.

Um gato preto, velludineo, de olhos dourados, em amendoa, enroscado entre dois vasos de manjerico, contemplava philosophicamente esta scena intima do *ménage*.

De subito, batiam á porta; era o aguadeiro, robusto cidadão de Tuy, ajoujado ao peso do barril, cumprimentando na sua phraseologia vulgar e ingenua, dando as noticias mais palpitantes da esquina—um fadista que esfaqueára outro, um roubo n'uma casa de malta, um fogo na rua dos Fanqueiros, n'um sotão do hotel Pelicano, pela negligencia de uma creada vinda recentemente da provincia e que não se sabia haver com os candieiros de petroleo. Um horror, em que a rapariga se vira na suprema necessidade de saltar em fralda pela escada abaixo, atravessando a cosinha e a sala de jantar, onde um brazileiro verde-negro, de oculos d'ouro e voz de papagaio, uma bomba aspirante de cognac e paraty, gritára indignado:

—Qui póca vérgonha! Hein! Já vio! Heide pintar esta scena no club dos Ténentes do Diabo, assim qui chegue ó Rio di Jáneiro.

E o gallego, contente de haver parodiado o brazileiro, soltava o seu riso largo e alvar, acordando o menino.

[illegible]

mas mais celere do que uma gazella, a mãe voava a precedel-o, rindo e gritando.

—O primeiro beijo do Lulu, é para mim.

E o Arthursinho, louro, rosado, e gordo como um cupido dos quadros da academia, estendia os bracinhos fóra da roupa e enroscava-os ao collo da mãe.

O que aquellas duas creaturas gosavam, d'esse amor santo que une duas almas infantis—mãe e filho—na mysteriosa influencia da natureza!

E o gallego, pasmado, lembrando-se, de que tambem tinha deixado na terra, uns *bambinos* robustos e uma amoravel esposa, limpava disfarçadamente, com as costas da mão, uma lagrima.

Então a costureira, a gentil Anna, pondo casualmente os olhos na machina, lembrava-se do dever, isto é, do pão, e saciada do seu amor divino de mãe, pousava docemente o filho sobre o colchão, e dizia para o aguadeiro:

—Agora tu.

E voava para a machina.

O Arthur e o hespanhol eram amigos velhos. O gallego, com os seus braços possantes, agarrava no pequerrucho inteiramente nú, e punha-o ás cavalleiras, percorrendo o quarto, fazendo mil diabruras ratonas, beijando-o nos pés, nas mãos, em todo o corpo, com frenesi, com a exuberancia do seu temperamento sanguineo e a simplicidade da sua alma sensivel.

E o pequeno ria, ria, com as cocegas que os labios grossos d'elle lhe faziam.

E o seu riso argentino enchia o quarto de notas vibrantes, a que respondiam as pombas no telhado, e a viração subtil, que entrava em lufadas pela ampla janella aberta, d'onde se avistava, ao longe, Cacilhas, as montanhas e a agua azul ao Tejo.

Depois d'estas festas matutinas, o gallego saia, recebendo o dinheiro da agua, alguns cobres para as compras e muitas vezes um recado para o marido da Anna, um revisor do caminho de ferro do Norte.

Elle ganhava rasoavelmente, mas a vida em Lisboa é tão cara! E elle gastava tanto, pelo genero de vida que adoptára. O dinheiro desapparecia, isso é que era uma fatal verdade, e a Anna, querendo conservar o *ménage* sob a impressão de uma certa propriedade, *property*, como dizem os inglezes, matava-se com trabalho, para nada faltar ao *baby* rubicundo, que Deus lhe dera como uma recompensa santificante do seu amor puro.

*

A vida n'este mundo é tecida d'esperanças fallazes—cortina d'ouro que se afasta repentinamente para deixar entrever o inferno, a miseria e o nada das coisas terrenas.

Um dia, em que ella, doida d'alegria, feliz até áquelle momento da sua curta existencia de casada, esperava o marido, que havia pedido licença, para festejar o anniversario feliz do seu consorcio, teve o primeiro e cruel aviso do que é na realidade a existencia social.

A mesa estava posta; brilhava na alvura da toalha immaculada a humilde mas reluzente baixella; ao centro um *bouquet* de preço, que o gallego trouxera, como sendo offerecido por uma grande dama de quem a Anna era costureira, mas que, na realidade, havia sido comprado por elle; a sopa fervente, pratos de meio appetitosos, e o vinho dos pobres, o democratico Torres.

A Anna não desviava os olhos do relogio, e ao minimo barulho na escada, esvoaçava como uma pomba meiga, gritando:

—E' elle!

Mas os passos paravam nos andares inferiores.

Anoiteceu assim. Um principio d'espanto apoderou-se da sua alma, e Anna chamou o gallego para que fosse ao caminho de ferro averiguar.

O bom homem correu, e na *gare* disseram-lhe, depois da respectiva troça, que o seu patrão fôra repentinamente mandado seguir no comboio correio, porque o revisor que o devia substituir adoecera. E que nem tempo tivera para participar tão desagradavel noticia á esposa.

Correu o fiel gallego a dar a resposta á Anna, e em risco de comprometter a sua reputação economica aos olhos dos seus conzenares, subiu para um Rippert!

[illegible]

*

No dia seguinte, á hora do costume, o gallego subiu e applicou o ouvido na escada. Não ouvia a machina. Bateu; a rapariga apressou-se a abrir.

Os seus olhares cruzaram-se intelligentes, mudos e interrogantes. Ambos elles queriam dizer:

—Elle?

—Não veiu ainda nenhum telegramma! respondeu ella com a voz estrangulada.

—Ainda é cedo talvez, observou o honrado homem, para disfarçar a sua propria inquietação.

—Ah! o comboio já deve ter chegado ao Porto ha oito horas. Jesus! o que lhe terá succedido?

—Ao comboio?

—Não, homem; ao José!

—Ora!

De repente, ella, tremendo, disse-lhe:

—Vae á estação.

O gallego deu meia volta e desceu a escada com a presteza que lhe permittiam os seus monstruosos sapatos, e sem attender aos gritos do Arthursinho, que tinha acordado sobre o seu pequenino leito de ferro, á voz d'elle, e lhe estendia os bracinhos nus, carinhosamente, pedindo cavalleiras e beijocas.

Foi a primeira vez que o gallego se portou malcreadamente com o innocente

A propria mãe, depois de fechar a porta, sentou-se a um canto, a chorar.

E o *bambino* abria uns olhos muito pasmados para a mãe e para a porta, por onde havia desapparecido o gallego, emquanto as pombas arrulhavam no telhado, e a machina silenciosa punha na casa uma nota triste.

*

Horas depois, sentiram-se passos na escada ingreme e estreita; pareciam de gente que conduzia um fardo pesado.

Era o gallego, só, arrastando-se a custo, cambaleando como um ebrio, pallido, desfigurado, balbuciando monosyllabos, como quem vinha estudando uma oração. Ao menor rumor, parava tremulo, hesitante, depois galgava alguns degraus.

Ao chegar ao quinto andar o suor aljofrava-lhe a testa, e agarrou-se á hombreira da porta para não cair.

Mas a Anna ouvira o rumor feito por elle na escada e voára a abrir a porta.

Ao dar com os olhos no homem, fez-se de uma pallidez mortal, e gritou-lhe:

—Meu marido?

O João ia abrir os labios para responder, mas não poude supportar o olhar lancinante d'ella e desviou a cara.

A Anna agarrou o pelos hombros, nervosamente, e sacudiu-o com rudeza.

—Falla! quero saber tudo. Dize o que succedeu ao José.

—Ah! minha rica senhora...

Ella comprimiu o coração, que parecia estalar-lhe no peito; os seus olhos pareciam saltar-lhe das orbitas.

O honesto gallego afinal fallou.

—O sr. José, disse elle, ao querer segurar um passageiro que se atirou á linha para fugir, perdeu o equilibrio, como diz lá o sr. chefe da estação, e ficou esmagado debaixo do comboio.

Um medonho grito, seguido de um baque no sobrado, obrigou o gallego, que tinha desviado a cara para dizer isto, a voltar-se.

Era a pobre rapariga que jazia por terra desmaiada, emquanto o Arthursinho, assustado, rompia n'um choro bravo.

Afflicto, o gallego saiu e bateu a todas as portas da escada, pedindo soccorro, mas todos respondiam atravez da cancella:

—Que tenho eu com isso?

—Não sou irmã da caridade.

—Olhe, chame a policia.

E batiam-lhe com a porta na cara.

Effectivamente, quem é que fazia caso de uma mulher pobre, que morava no quinto andar?

O pobre homem teve uma inspiração: correu a uma pharmacia proxima, onde era conhecido, e contou o caso, pedindo ao pharmaceutico que o acompanhasse.

O pharmaceutico pretendeu esquivar-se, mas receiando que

[illegible]

—Será prudente não a abandonar [illegible]

to nervosa e tem um olhar desvairado. Preferia vel-a chorar e proromper em gritos. E' preciso ir avisar a familia.

—A familia! observou o moço, ella á sua parte, não tem ninguem, e a gente do lado do marido não a póde ver.

—Ora essa!

—Pergunte-lh'o o senhor.

O pharmaceutico dirigiu-se á Anna e interrogou-a.

Ella abanou a cabeça.

—Está tudo perdido, disse ella. Só, mais este pequeno, morreremos de fome, porque eu sinto-me anniquilada, e... o que ganha uma mulher honestamente? Com o ordenado do meu marido, não nos chegava; o que fará agora!

—Socegue, nada de apprehensões, disse o pharmaceutico. Deus vela por todos nós. O seu amor de mãe hade inspirar-lhe coragem. O pequenito... E' verdade, como é que elle se chama?

O pequenito, assustado com a presença do desconhecido, havia-se sumido para debaixo da roupa da cama, e espreitava de lá por uma frincha da colcha.

O pharmaceutico descobriu-o rapidamente, e apesar da sua resistencia, tomou-o nos braços e examinou-o em extase, beijando-o.

Ao cair da noite, voltou apressado com uma mulher contratada para fazer companhia á Anna, emquanto ella não voltasse aos seus antigos habitos de trabalho e serenidade. E o bom homem, que servia a casa da costureira desde o dia do seu casamento e se affeiçoára áquella familia, havia já tres annos, ia pensando na maneira de a fazer acceitar a nova companhia, quando ao dobrar a esquina da rua onde morava a Anna, um charivari medonho se lhe deparou ao longe: apitos, gritos, populares correndo e um trem rodando vertiginosamente.

Ao principio, julgou que seria algum atropellamento, mas em breve ouvio estas sinistras palavras:

—Foi uma mulher que se precipitou de um quinto andar, e o trem que ia passando, saltou-lhe por cima!

O gallego, apenas ouvio isto, inclinou o busto herculeo e fendeu, como um projectil, a multidão. Foi parar junto do cadaver da Anna.

—Está morta, dizia um cirurgião que por acaso passava n'aquelle momento e se approximára.

Os olhos do moço procuravam porém o corpo do Arthur, que elle esperava ver ao lado da mãe, como lhe prognosticára o pharmaceutico; e não o encontrando, galgou a escada e entrou na casa de rapariga, já invadida pela visinhança, que d'esta

OLIVEIRA MARRECA

O CONEGO SERRÃO

—Que soberba creança! d'aqui a alguns annos ajuda-a já a viver, minha senhora, disse elle para a Anna.

Mas a rapariga não respondeu.

Com os olhos fitos no sobrado, completamente absorvida n'um pensamento intimo e doloroso, parecia insensivel a tudo o que se passava em volta d'ella.

O pharmaceutico examinou-a attentamente, depois approximou-se d'ella e despediu-se; chamou o moço á escada e certificando-se de que não era ouvido, accrescentou:

—Se lhe é dedicado, não arrede pé d'aqui.

—Porque, senhor? interrogou o pobre homem espantado.

—Porque esta mulher tem um pensamento mau; desenha-se-lhe nas rugas da fronte, no olhar sombrio; ainda não é talvez um pensamento nitido, mas a sua imaginação trabalha para o suicidio.

O gallego, horrorisado, poz as mãos com desespero.

—E o pequenino? disse elle, isso, senhor, não póde ser.

—Pois é isso exactamente que me assusta. Póde ella querer dar-lhe a morte tambem.

—Mas que heide eu fazer?

—Só vejo um remedio. E' arranjar uma mulher que venha ficar aqui de noite com ella; você vigiará de dia. A solidão da noite é que é mais para temer.

[illegible] o pharmaceutico [illegible] a escada.

[illegible] mulher nas condições requeridas. O sinistro agouro do pharmaceutico atordoava-o.

vez, levada pela curiosidade, não teve duvida em trepar ao quinto andar.

O pequeno chorava e arrepelava-se, vendo-se em mãos de gente estranha; mas á vista do moço, agitou os bracinhos com alegria e agarrou-se a elle com toda a força de que dispunha.

A visinhança, conhecendo-o, entregou-lhe uma folha de papel com algumas linhas não concluidas, que estava em cima de uma mesa, e que dizia assim:

«Meu Deus... não tenho coragem para me arremessar juntamente com o meu filho...

«Lembrei-me de que elle, mais feliz do que eu n'este mundo, tem um amigo que o estima como se fôra seu pae. E' o moço João, ao qual o recommendo.

«Peço perdão...»

A tinta ainda estava fresca..

O honrado gallego, chorando como uma creança, disse para o Arthur, como se elle o podesse entender:

—Queres ser meu filho?

O pequeno, julgando talvez que elle lhe propunha alguma das suas brincadeiras habituaes, acenou promptamente com a cabeça, que sim, batendo as palmas de contente e rindo como só sabem rir os innocentes.

Momentos depois, com o [illegible]

José Maria da Costa.